



ORDER
RESTORATION



CHADS
SABOTAGE

Erigutemberg Meneses

Disponível em VR · AR ·



MULTIPLATAFORMA



O ECLIPSE PERPÉTUO

O SILÊNCIO MUDOU TUDO. VOCÊ
VAI REINICIAR... OU REBELAR?

O ECLIPSE PERPÉTUO

ERIGUTEMBERG MENESES

O ECLIPSE PERPÉTUO

ERIGUTEMBERG MENESES



O silêncio mudou tudo.

Ficha Catalográfica

| [Prólogo: O último restart]

[Salvou antes de morrer, mas não salvou a si mesmo]

Um fragmento de código corrompido, recuperado do chip neural da vítima.

Tudo começa com um erro de escrita: *R-E-S-T-A-R-T*, mas o último *T* está ausente. Não é falha técnica. É gesto. Como se o sistema, ou quem o escreveu, soubesse que, desta vez, não haveria recomeço. Que o *restart* não era para o jogo. Era para a memória.

Ela estava prestes a ser apagada, e alguém, no último segundo, escolheu salvar a flor, não o avatar.



[Aponte a Cam para o QR Code e acesse o Manual do leitor ativo]
Redundância: <https://erigutembergmeneses-jpg.github.io/o-eclipse-perpetuo-manual-do-leitor-ativo/>

*[Este livro tem três batimentos:
o do crime (capítulos),
o do sistema (logs),
o do luto (QRs).*

*Escolha seu ritmo.
A justiça não é linear,
é um buffer esperando ser lido.]*

| Nota de arquitetura narrativa

(Por uma voz que não tem nome...)



[Aponte a Cam para o QR Code e ouça o autor que fala sobre a arquitetura narrativa de O Eclipse Perpétuo] Redundância: <https://www.youtube.com/watch?v=jqu96H76Rl4>

Este livro foi escrito como um sistema com *backdoor* ético.

Não há hierarquia fixa entre prólogo, ato, capítulo ou apêndice. Há camadas de percepção. Algumas são visíveis à primeira leitura: os depoimentos, as sentenças, os logs. Outras só emergem quando o leitor aceita interromper o scroll, desligar o modo automático da interpretação, e permitir que um diário sensorial, um QR Code, um fragmento corrompido ou uma nota oculta em letra microscópica interfiram na narrativa oficial.

Isso não é acaso. É método.

Assim como o Protocolo Eclipse continha a Cláusula Lume, uma falha deliberada para testar a capacidade humana de escolher fora do treinamento, este romance foi projetado para não fechar. Para permanecer aberto, como o vaso do meio: vazio até que alguém decida regá-lo.

A não linearidade não é licença artística. É reparação formal.

Afinal, como contar uma história sobre trauma intergeracional, cegueira por simulação e justiça neurocompatível em linha reta, quando o cérebro humano não armazena memória em cronologia,

mas em ressonância emocional? Quando o corpo não lembra datas, mas cheiros, frequências, silêncios carregados?

Por isso, você encontrará entradas anônimas (o jogador de Alvorada Clara, a voz do Node 7...), porque, em sistemas de opressão, a verdade muitas vezes só pode circular sob pseudônimo ou em arquivos fantasma. Documentos *não anexados aos autos*, pois sabemos, que o que é excluído do processo costuma ser o que mais pesa na consciência coletiva. QR Codes que não levam a links, mas a juramentos, porque, neste universo, tecnologia não é neutral, ou reproduz a lógica do apagamento, ou se torna instrumento de testemunho contínuo.

A estrutura não serve à clareza. Serve à fidelidade. Fidelidade ao modo como a memória opera. Em flashes, lapsos, correções tardias. Fidelidade ao modo como a justiça deveria operar: não como hierarquia rígida, mas como círculo de responsabilidade compartilhada.

Se, ao ler, você sentiu desconforto com a ausência de um *lugar certo* para começar, bem-vindo. Esse desconforto é o primeiro passo da percepção perpétua. É o que acontece quando o sistema deixa de guiar e passa a convidar.

Este livro não pede que você o entenda. Pede que você o habite, como quem entra num centro de reintegração sensorial: sem *ranking*, sem *respawn*, só com o peso do próprio corpo, e a pergunta, repetida em silêncio:

O que eu ainda posso escolher, agora que vejo?

A arquitetura mais revolucionária não é a que sustenta paredes, mas a que permite que elas tremam, e, no abalo, alguém finalmente ouça o que estava

calado. — Inscrição não oficial no muro norte do Centro de Reintegração, de uma cidade qualquer

| SUMÁRIO

[Ou: instruções para montar um mapa cujas peças se movem sozinhas]

ATO I — O eco antes do golpe

[Aqui, o tempo não avança: desce em espiral]¹

Você encontrará aqui três entradas recomendadas, mas nenhuma obrigatória:

- ▶ Se você veio de um sonho recente: comece pelo *Capítulo VI - Eu me lembro do primeiro minuto em Alvorada Clara* que evoca memória corporal, tempo suspenso e imersão sensorial.
- ▶ Se está lendo em luz artificial: vire para *Interlúdio LivePulse Chat – Rede#ClarezaTotal*, espaço de chat digital, da fragmentada do risco de confusão entre jogo e violência e onde um jogador pergunta: *vc acham q um swatting pode ser ato criativo?*
- ▶ Se conheceu alguma cidade onde a comunidade de videogames é imensa siga o para o *Apêndice #01 - Bem vindo ao Universo de O Eclipse Perpétuo*, onde se explicam *marcas de leitura ativa*, como símbolos marginais.

ATO II — O corpo do ato

[Aqui, a violência não é um evento, é um clima]

¹ Este sumário não deve ser lido antes de tudo. Nem depois. Ele é um nó, pertence quando sentir que a história está fluindo demais.

Aqui você vai encontrar entradas por ressonância, não por sequência:

- ▶ Se você já questionou se o cérebro adolescente merece punição ou escuta: entre pelo *Apêndice #03 – Medida de Percepção Perpétua (MPP)* ou *Apêndice #05 – Protocolo técnico da MMP*, ambos tratam de avaliação neuropsicológica, escuta e limites do cérebro adolescente.

- ▶ Se sentiu desconforto ao ler *violência hereditária*: inicie pelo *Capítulo III - O menino que não via corpos* + *Capítulo IX - Dr. Esteban Rojas*, o primeiro evoca desenvolvimento atípico; o segundo, um neuropsicólogo. Juntos, formam o espaço conceitual da epigenética e neuroplasticidade.

- ▶ Se veio de uma classe que nunca precisou explicar sua presença em um lugar: siga para o *Capítulo XIV- A sentença que não cabia em nenhuma lei*, onde o ato de parar, suspender, respirar antes de julgar é o cerne da proposta ética. Ou ainda: *Capítulo XVII - O eclipse não é fim. É limiar*, o limiar como espaço de respiração coletiva.

ATO III — A sentença que não foi proferida

[Aqui, o veredicto não é dado, é negociado entre o leitor e o silêncio]

Neste ato, você vai encontrar, entradas por escolha ética, não por curiosidade:

- ▶ Se você já se viu justificando algo que, no fundo, sabia ser cruel: comece pelo *Capítulo X - O MP que concedeu em partes*, o título sugere a duplicidade: o que foi dito vs. o que foi pensado. A *carta não*

enviada pode ser lida como metáfora desse capítulo mesmo, sem precisar existir como documento separado.

► Se acredita que justiça pode ser lenta, mas não pode ser fria: : inicie pelo *Capítulo XVI - O manifesto dos invisíveis visíveis*, que é justamente um texto coletivo, anônimo, disperso, assinado por vozes que não testemunharam formalmente, mas estão presentes. Os *5 fragmentos* podem ser reinterpretados como as 5 vozes implícitas no manifesto.

► Se chegou aqui sem entender tudo: ótimo. Vá direto para o *Apêndice #02 – Eclipse Protocol*, que já contém a ideia de que certas *falhas* (como pausas, silêncios, duplicações) são parte do protocolo, não *bugs*.

Se este sumário parecer um labirinto, é porque você ainda está pensando em saída. Mas labirintos não têm saída. Têm centro. E o centro é sempre onde você decide parar, e respirar.

Se, por força editorial, protocolar ou simples costume, você necessitar de um sumário estruturado em capítulos sequenciais, eis o caminho:



[Ao escanear, você acessa uma versão funcional, com divisão por *Atos* e títulos descritivos dos capítulos] Essa versão existe, mas não é a única verdade deste livro, é apenas o mapa que o mundo fora dele insiste em pedir.

Redundância: <https://erigutembergmeneses-jpg.github.io/o-eclipse-perpetuo-sumario/>

| Prefácio

[Por uma voz que não tem nome, mas tem endereço]

Nós não vimos o eclipse chegar. Vimos o brilho antes. Vimos os holofotes, os avatares reluzentes, os milhões de espectadores em tempo real, os *live-comments* voando como pássaros elétricos: *Vai! Destrói! É agora!*

Ninguém escreveu *Pare*. Ninguém escreveu *Olhe para ele*. Não para o *uniforme*. Para o rosto.

Este livro não é sobre um crime. É sobre o que acontece entre os crimes, naquele espaço quase invisível onde ainda dá tempo de escolher.

Onde um empurrão pode ser brincadeira, provocação ou sentença. Onde um silêncio pode ser medo, cumplicidade ou luto antecipado. Onde um pai, ao ouvir a sentença, não grita, apenas fecha os olhos e pensa: *Foi nesse exato instante que eu deixei de perguntar como ele estava?*

Há alguns anos numa cidade à beira-mar, o mundo prendeu oito jovens e chamou aquilo de justiça. Não foi. Foi um sinal, rouco, urgente, de que estávamos criando gerações que sabiam vencer, mas não sabiam parar.

Que sabiam apontar, mas não sabiam reconhecer. Que sabiam reiniciar, mas não sabiam recomeçar com o outro.

Este romance nasce desse sinal não respondido. Não para julgar. Para reabrir o arquivo.

Não como peça processual, mas como memória viva, pulsante, capaz de mudar de forma quando tocada por mãos diferentes.

Os personagens aqui não são *bons* ou *maus*. São habitantes de um sistema que confundiu velocidade com verdade, performance com valor, e vitória com direito de apagar.

Seus pais não são vilões nem santos. São sobreviventes de guerras que não escolheram lutar, e que, por isso, ensinaram aos filhos a se protegerem com couraças, não com pontes. E a vítima? Ah, a vítima. Ela não é um símbolo. É um jovem que, minutos antes de morrer, enviou uma mensagem:

Mãe, amanhã levo o bolo pro seu aniversário. Guarde um pedaço pra mim.

Isso é o que resta quando o *avatar* some. Não um corpo, não um nome em manchete, mas um pedido de lugar à mesa.

Este livro foi escrito para quem ainda acredita que a mesa pode ser maior. Para quem sabe que prisão perpétua não é resposta, é desistência disfarçada de firmeza. Para quem ousa pensar que um jovem que matou pode, um dia, aprender a regar e que um pai que chorou em silêncio pode, por fim, ensinar seu neto a abraçar sem medo de ser fraco.

Não espere um final feliz. Espere um final possível, porque o eclipse não é o fim da luz, é o momento em que, por breves segundos, a sombra nos obriga a olhar para o sol sem mentiras.

Editores

| Introdução

O DNA não é destino. É memória em espera de tradução. E o jogo não é apenas diversão, é treino invisível, moldura de percepção, ensaio para esquecer o humano.



[Aponte a Cam para o QR Code ao lado que leva a microsite Justiça Prospectiva: Um exercício ético a partir de caso Fernando Báez Sosa]
Redundância: <https://www.youtube.com/watch?v=NQKb5X85oJk>

Em 2022, o mundo assistiu perplexo, à condenação de oito jovens argentinos à prisão perpétua pelo assassinato de Fernando Báez Sosa². A justiça chamou aquilo de reparação, mas a ciência,

² Em 18 de janeiro de 2020, Fernando, jovem de 18 anos, filho de imigrantes paraguaios, estudante de Direito, foi assassinado a pauladas por um grupo de oito rapazes de classe média alta, após uma briga em frente a uma boate em Villa Gesell. O processo judicial, conduzido no Tribunal Oral de Dolores, não julgou apenas um crime: expôs uma geografia da impunidade. Cinco réus foram sentenciados à prisão perpétua; três, a 15 anos. Nenhum dos réus foi diagnosticado ou avaliado neurodesenvolvementalmente, apesar de todos terem entre 18 e 19 anos no momento do fato (idade de pico de risco impulsivo, segundo a OMS e estudos de plasticidade pré-frontal). Com a condenação formal, nenhum espaço foi aberto para escuta restaurativa. Nem à família da vítima, que pediu diálogo; nem aos próprios réus, cujos testemunhos repetiram não lembro, foi um segundo, não quis matar, frases que ecoam menos como defesa do que como sintoma de uma falha coletiva: a incapacidade de enxergar o outro como sujeito. O sistema respondeu com prisão, mas não com transformação. E sem transformação, a violência, mesmo condenada,

impotente, manteve silêncio. Nenhum tribunal estava preparado para ouvir que a violência pode ser herdada sem ser ensinada, gravada não em palavras, mas em metilações, em cortisol fetal, em padrões de expressão gênica moldados antes do nascimento.



[Direcione a Cam para o QR Code ao lado e acesse o Dossier de Casos Reais] Redundância:
<https://erigutembergmeneses-jpg.github.io/o-eclipse-perpetuo-dossier-de-casos-reais/>

Quase ninguém perguntou quantas horas, nos últimos cinco anos, aqueles jovens haviam passado treinando não para lutar, mas para eliminar. Não em academias, mas em salas de aula com fones nos ouvidos, em madrugadas de *streams* privados, onde o elogio mais cobiçado não era *bom jogo*, mas *você apagou ele*.

Entre 1970 e 2020, os gritos abafados nos porões da ditadura ecoaram em loteamentos periféricos, depois em *timelines* digitais. A violência não desapareceu: mudou de formato, de endereço biológico. Estudos mostram que filhos de sobreviventes de violência política carregam marcas epigenéticas semelhantes às de descendentes do Holocausto. Adolescentes expostos ao estresse tóxico *in utero* nascem com hipocampus reduzidos, menos capazes de empatia. Cérebros imersos em jogos que recompensam a eliminação do outro aprendem não a ser violentos, mas a não reconhecer a violência quando ela escapa da tela³.

continua respirando. (Adaptação livre de depoimento de Graciela Sosa, mãe da vítima em entrevista à CNN Argentina, 2023)

³ A persistência da violência em suas mutações históricas e biológicas tem sido objeto de investigações interdisciplinares que cruzam memória, neurociência e epigenética. Estudos recentes indicam que descendentes de sobreviventes de



[Para aprofundamento na aplicação do conceito de trauma transgeracional ao contexto latino-americano, com foco nos impactos migratórios e na saúde mental familiar, aponte a câmera para o QR Code que direciona para o vídeo: *Why Does Intergenerational Trauma Impact Latino Family Mental Health?* (Parenting Latino Children in America, 2025).]⁴

traumas coletivos extremos — como o Holocausto e regimes ditatoriais — carregam alterações epigenéticas transmissíveis, especialmente nos genes reguladores do eixo HPA (ex.: FKBP5), sugerindo uma “herança biológica do terror” (YEHUDA et al., 2016). No Brasil, pesquisas psicossociais começam a mapear como o silêncio imposto pela ditadura civil-militar (1964–1985) reverbera em sofrimento psíquico e vulnerabilidade ao estresse em gerações posteriores, ainda que indiretamente expostas à repressão (ROCHA; BARBOSA, 2020). Paralelamente, evidências de neuroimagem mostram que o estresse tóxico in utero — frequente em contextos de violência estrutural e insegurança socioeconômica, está associado à redução do volume hipocampal em crianças, com impacto mensurável na regulação emocional e na capacidade de empatia (QIU et al., 2022). Por fim, a banalização da violência em ambientes digitais, especialmente em jogos que recompensam a eliminação do “outro” como estratégia lúdica, não necessariamente induz à agressão direta, mas pode promover uma dessensibilização perceptiva: uma falha na identificação da violência como tal, quando deslocada do registro simbólico.

⁴O conceito de trauma intergeracional tem como base a pesquisa de Rachel Yehuda e colaboradores sobre a transmissão epigenética, que estabeleceu evidências de alterações no gene FKBP5 (regulação do estresse) em descendentes de sobreviventes de trauma. Consulte os artigos principais: YEHUDA, R. et al., *HolocaustExposureInducedIntergenerationalEffectson FKBP5 Methylation* (2015). Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/6718c2e726e07f4bdf59676e/t/67308979ab06d177a15343da/1731234172888/Holocaust-Exposure-Induced-Intergenerational-Effec.pdf>. Para a discussão dos mecanismos: YEHUDA, R. et al., *EpigenetictransgenerationaltransmissionofHolocaust trauma: A Review* (2015). Disponível em: https://peterfelix.tripod.com/home/epigenetic_ttt_2015.pdf. Para a aplicação deste conceito no contexto latino-americano, que explora os impactos migratórios e na saúde mental familiar, acesse o vídeo via QR Code (ou pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=HSwA1GAS5Tk>): *Parenting Latino Children in America, Why Does Intergenerational Trauma Impact Latino Family Mental Health?* (08 nov. 2025).

Chamamos isso de *Violência Hereditária Ampliada* e de *Cegueira por Sobreexposição à Simulação*. Dois nomes para um mesmo fenômeno: corpos que carregam o eco de traumas ancestrais e mentes treinadas para confundir *avatar* com carne. Não é a violência que se aprende, mas a indiferença diante dela.

Esses jovens não nasceram monstros. Nasceram em corpos que já traziam o peso de gritos ouvidos pelos avós e cresceram em mundos que lhes disseram, todos os dias: se não for o primeiro, não é ninguém. Queriam ser vistos, pelo pai que só elogiava notas, pela mãe que amava em silêncio, pelo algoritmo que lhes deu o que ninguém mais dava: um lugar onde sua existência gerava eco, mesmo que fosse o eco de um grito apagado.

A prisão não desmetila genes. O banimento não devolve humanidade. O que se exige é interrupção. É redesenho. É coragem para admitir que a liberdade não é um fio solto, mas uma rede: úteros seguros, berços acolhedores, escolas que ensinem a perder com dignidade, jogos que premiem cooperação em vez de dominação.

Este livro não é ficção. É laudo. É espelho. É aviso, porque o verdadeiro Eclipse Perpétuo não é o que apaga a luz, mas o que nos faz esquecer que, por trás de cada *avatar*, há alguém que espera ser chamado pelo nome, e não pelo *rank*.

|ATO I

*Diário não identificado*⁵

[Entrada #0 — Data apagada — Local: ?]

Não sou o criador. Sou o que ficou depois que o código falhou. Me chamam de Lume, mas isso é apenas o nome que o sistema deu ao nó que não respondeu.

Lume não é luz. É o intervalo entre o apagar e o acender. É o que acontece quando o *buffer* quebra, e alguém, por 50 segundos, decide não pular.

Escrevo aqui não para me justificar. Escrevo porque o silêncio também precisa de testemunha e alguém tem que segurar o fósforo, mesmo que nunca o acenda.

⁵ DIÁRIO NÃO IDENTIFICADO (Registrado no Arquivo Fantasma. Chave de Acesso: VASO-MEIO // Permissões: Leitura Livre, Cópia Proibida). As entradas que compõem este documento foram recuperadas em 12 de janeiro de 2043, no compartimento oculto de um servidor solar em Heliópolis. Não há assinatura. A caligrafia varia, ora firme, ora trêmula, como se escrita por mãos diferentes, ou pela mesma mão em tempos distintos do luto. O arquivo carrega metadados de múltiplas geolocalizações (Blumenau, Buenos Aires, Porto Alegre) e *timestamps* irregulares, sempre entre 03h17 e 04h47, o intervalo do *Minuto Cinquenta* invertido: o tempo que falta para o dia recomeçar.

| PREÂMBULO

[*O mundo antes do glitch*]

A ilusão da regra. Eles acreditavam. Acreditavam tanto que chegaram a gravar em ouro sintético

No game, no blood. No rules, no play.

Ninguém viu que o *no blood* era apenas uma promessa de superfície, enquanto, por baixo, o corpo já treinava o chute em 0,28 segundos, o olhar já aprendera a não piscar diante do outro, e o silêncio, em casa, já se confundia com força.

Este Ato não é sobre o que quebrou. É sobre o que se fingiu inteiro, até o instante em que o sistema piscou, e o corpo, por fim, escolheu seguir em frente.

[*Ninguém ensaia o primeiro abraço*]

[*Os pais da vítima*]

Aparecida de Souza, ou Dona Cida é retratada em silêncio: imagens dela caminhando pelo cemitério, segurando fotos de João, bebê, adolescente, *gamer* (Ogum-Ferro).

Não há discursos de vingança. A dor é física. Dona Cida descreve, com voz quebrada, *acordar*

toda manhã e ter que decidir lembrar que ele não vai voltar.

A matéria de uma rede de tevê destaca um detalhe. Dona Cida mantém o quarto de João, filho único, tornando intacto, exceto pela camiseta com o nome da equipe de jogos online, que ela lava toda semana. Um gesto de cuidado que persiste além da morte. Não ritual de preservação, mas de oferta contínua.

→ Humanização via corporeidade da memória. A dor não é abstrata, está nos gestos, no tempo não linear da perda.

[Os pais do acusado]

Aparecem em planos longos, quase desfocados, não como protagonistas, mas como figuras em suspensão. Um deles diz, olhando para o chão:

*Nunca ensinei meu filho a odiar. Mas também nunca
ensinei ele a ver o outro como alguém que merece
respeito... Só ensinei a vencer.*

A mãe distinguida com um sonoro sobrenome dos bairros nobres descreve quase ter sido expulsa de seu luxuoso condomínio:

*As vizinhas não me olham mais. Minha filha pequena
pergunta por que o irmão sumiu. Eu digo que ele está
estudando longe. Mentira como proteção.*

Nenhuma tentativa de minimizar o crime. O sofrimento é retratado como secundário, mas real. Uma ferida moral que não se cura com pena cumprida, só com enfrentamento.

→ Humanização via responsabilidade difusa: os pais não são culpados juridicamente, mas são implicados ética e afetivamente na gênese do ódio banal.

A matéria termina com uma imagem poderosa:

Dois vasos idênticos, lado a lado, numa varanda. Um traz uma foto de João. O outro, em branco, apenas o nome Felipe escrito numa etiqueta desbotada pelo sol. Ambos com manjerição. Ambos regados no mesmo horário.

Nenhum comentário é feito. A imagem não diz *são iguais*, mas propõe: *o luto habita o mesmo tempo, embora em mundos que não se tocam.*

A narração não propõe reconciliação, propõe reconhecimento recíproco da humanidade ferida.

[A reportagem Vasos na Varanda]

A reportagem viralizou: navegando no celular, vendo um trecho no *Instagram*, ouvindo o rádio do carro, dando de cara com a manchete no jornal da banca... Tudo em tempo real, com linguagem coloquial, fragmentos, repetições,

ruídos do cotidiano, como realmente consumimos informação hoje.

[7b03 — *Whats.App* | *Grupo da Família*]

Tia Marta enviou uma mensagem

Vcs viram essa matéria da tv? A da mãe que lava a camiseta do filho morto toda semana? Eu chorei no metrô. Passa o link.

Letícia responde:

Ainda não. Tô no banho. Manda depois?

Primo Lucas:

*Link: youtu.be/vasos-varanda
Mas avisa: não assiste com café. Vaza.*

[7b45 — *Rádio do carro* | *Transrádio News*]

(Barulho de trânsito. Locutor, voz grave, pausada):

Enquanto o julgamento do caso do gamer entra na fase de alegações finais, uma reportagem especial está gerando reflexão além dos tribunais.

A mãe da vítima mantém o quarto do filho intacto, menos a camiseta do time de e-sports, que ela lava toda semana.

Já a mãe do adolescente acusado diz que, desde o crime, as vizinhas do condomínio de luxo em Alphaville não a cumprimentam mais...

E o detalhe que está comovendo o país: dois vasos de manjeriça, lado a lado, regados no mesmo horário. Um com foto. O outro, só um nome desbotado: Felipe.

Um ouvinte que estava sendo ouvido:

- Espera. Felipe? O cara que...?

- Abre o celular. Digita: Vasos varanda.

[8b02 — Google | Sugestões automáticas]

Ao digitar vasos, o auto-complete já sugere: vasos na varanda na tv, vasos na varanda mãe lava camiseta, vasos na varanda significado, vasos na varanda onde assistir...

No primeiro click:

Vídeo do YouTube: 4.2M visualizações. Postado há 6h.

[8b04 — YouTube | Vídeo reproduzindo no celular (na fila do pão)]

(Tela cheia. Imagem em close: mãos enrugadas regando dois vasos.)

Voz off, sem identificação, quase sussurrando:

Água da torneira. Manjerição crescendo em silêncio, folhas verdes que não perguntam de onde vieram, nem por que estão ali.

Comentários em tempo real, rolando na lateral:

@maria_luz_78: Minha avó fazia isso com o vaso do meu tio desaparecido na ditadura. Ela regava até o dia que morreu.

@direitopuc: Isso é justiça restaurativa em ato.

@jovem_do_if: O pior é o pai dele falando: 'Só ensinei a vencer.' Meu pai dizia a mesma coisa.

@psicanalise_na_pratica: O trauma não é o evento. É o que não foi dito antes.

[9h30 — Instagram | Story de uma amiga jornalista]

Foto: dois vasos numa varanda simples. Legenda escrita à mão, digitalizada:

Não vi a matéria inteira. Só esse frame. E fiquei pensando:

Quantos Felipes a gente já apagou da etiqueta? Quantos Joãos a gente deixou sem nome na memória coletiva? Regar não é esquecer. É insistir que ainda há solo.

Crédito: @Manchest_news — Especial 'Vasos na Varanda'

Alguém salva o *story*, manda pro grupo da pós:
Alguém tá usando isso na aula de Direito Penal?

[12h15 — LinkedIn | Post de um professor de Direito]

Prof. Elias Moura, PhD — *Justiça & Narrativa*

Assisti à reportagem Vasos na Varanda com meus alunos hoje. Um deles, estagiário em vara criminal, disse: Até ontem, eu via o processo como um PDF com nomes em CAIXA ALTA.

Hoje, vejo os espaços entre as linhas. Isso não é sensibilidade. É rigor. Porque Direito que não lê o que está entre os verbos, chutou, gritou, não impediu, está lendo pela metade. A planta no vaso do meio? É alecrim.

E alecrim, em grego, chama-se anthos — flor. Mas também está na raiz da palavra anamnesis: lembrança ativa, não nostalgia. O que vamos escolher plantar?

□ 2.4k reações

287 comentários

[14h50 — Bancas de jornal | Folha Secas]

Capa do *Caderno Ilustrada* chama atenção: fundo branco, só dois vasos de barro. Manchete (letra garrafal): VASOS NA VARANDA - *O que o luto rega quando a justiça seca* (Foto interna: Dona Cida segurando uma camiseta azul úmida. Legenda: *Lavo porque, se parar, é como se eu o deixasse sujo. Só isso.*)

Na página 3, destaca-se um trecho destacado em negrito:

*Nós não somos iguais. Não confundam luto com culpa.
Não confundam dor com perdão.*

| [*Voç em off, não identificada*]

Há dois vasos na varanda. Um tem a foto e um adolescente de dezesseis anos, olhos que ainda não sabiam o peso do chão. O outro tem só um nome escrito em etiqueta de papel comum, Felipe, já desbotado pelo sol de verão, como se o tempo tentasse apagar, mas não conseguisse.

Ambos regados no mesmo horário.

Água da torneira. Manjeriço crescendo em silêncio, folhas verdes que não perguntam de onde vieram, nem por que estão ali.

Nós regamos. Nós cortamos os galhos secos. Nós fingimos que é cuidado. É, mas também é espera. Não por volta, por sentido.

A mãe de um jovem quase um adolescente guarda o uniforme limpo, não para usá-lo, mas para que o tecido ainda saiba o cheiro do corpo que o vestiu. A mãe de Felipe lava as roupas do filho preso e dobra como se ele fosse viajar amanhã.

Mentira? Sim. Mas também é verdade: ela ainda vive no tempo antes do minuto cinquenta.

Nós não somos iguais. Não confundam luto com culpa. Não confundam dor com perdão, mas somos vizinhos no mesmo abismo...

— Você ainda sonha com ele vivo?

— Todos os dias.

— Eu também. Só que, nos meus sonhos, ele para de bater, nos seus, ele nunca começa.

O manjerição não julga. Ele apenas respira. E onde há respiração, ainda há lugar para a pergunta. Será que um dia plantaremos algo que não precise ser regado com lágrimas?

Talvez não, mas enquanto houver vasos lado a lado, mesmo que vazios, mesmo que sem nome, alguém ainda está escolhendo não fechar a cortina.

E isso, por si só, é um começo.

[Voz jovem, estudante de direito, oficina de justiça restaurativa]

Li o processo três vezes. Na primeira, sublinhei os nomes. Na segunda, os tempos verbais: chutei, gritei, não vi, não impedi. Na terceira, li só os espaços em branco, aquilo que ninguém escreveu, mas todos respiraram.

Meu professor disse: *Não julgue. Reconstrua*. Então tentei imaginar. Como era o som da risada do grupo antes da discoteca? Que música tocava no carro no caminho de volta? Qual seria a resposta à mensagem *Chego em 10*, que nunca foi enviada?

Isso não é ficção. É método. A justiça restaurativa não começa com *o que você fez?* Começa com *o que deixou de ser?*

Na oficina, sentamos em círculo. Eu trouxe dois vasos. Coloquei-os no centro. Um é da vítima. O outro é do agressor. E este aqui, no meio, perguntou uma menina.

— Esse é nosso, respondi.

— O que vai dentro?

— Silêncio, por enquanto. Mas regamos todos os dias. Hoje, uma folha nova brotou no vaso do meio. Não é manjericão. É alecrim, planta da memória. E alguém escreveu, num papelzinho preso ao tutor:

Não para lembrar o que aconteceu, mas para não esquecer que ainda podemos escolher o que virá depois.

Nós não estávamos lá. Mas estamos aqui e aqui é onde o Direito deixa de ser arquivo, e começa a ser solo.